

*Libertação a que não chegarão pelo acaso, mas pela práxis de sua busca;
pelo conhecimento e reconhecimento da necessidade de lutar por ela.*

Paulo Freire

Diálogos entre Teatro e Pedagogia do Oprimido



Podemos identificar na obra dos dois autores que trago para este texto alguns pontos convergentes, entre a proposta da Educação Libertadora de Paulo Freire e o Teatro do oprimido desenvolvido por Augusto Boal. Os dois autores defendem em suas obras uma postura ético-política com base na busca pela transformação social, através da educação e da cultura.

Então, a partir dessa perspectiva e, com base nas leituras que fiz da obra de Paulo Freire em minha formação acadêmica e nos textos de Augusto Boal, com os quais tive contato durante curso do Teatro do Oprimido, promovido no ano de 1992, pela Secretaria de Educação e

Cultura de São Gonçalo, Rio de Janeiro. Considero oportuno ressaltar alguns pontos em que suas propostas (e ideologias) dos dois se aproximam em seus campos de atuação.

A Educação Libertadora concebida por Freire, através de participação em lutas políticas e nos movimentos sociais, se apresentou como contraponto à educação bancária e traz como princípio a busca pela libertação social. Essa proposta surgiu de um processo constante de conscientização das pessoas quanto ao seu papel social para que pudessem transformar a vida e as relações opressoras que enfrentavam.

O teatrólogo Augusto Boal teve a sua trajetória artística e educativa baseada no fortalecimento dos sujeitos e de suas potencialidades, através de reflexões e conscientização quanto a atuação política destes. Por entender o teatro como potente ferramenta para se buscar uma transformação social que ocorra para, com e pelos oprimidos, Boal desenvolveu e difundiu seu método de teatro, baseado em jogos, onde os atores envolvidos pudessem criar e se expressar. Esse método foi difundido, a exemplo da pedagogia de Freire, em diversos países e foi batizado como Teatro do Oprimido, como homenagem a Paulo Freire.

Em ambas as obras se acentuam os processos de conscientização, que exigem do ser humano uma constante reflexão de seu olhar sobre o mundo, como coloca Paulo Freire (2014, p.52), ao afirmar que “a práxis, porém, é reflexão e ação dos homens sobre o mundo para transformá-lo”. A realidade é, portanto, um objeto de reflexão crítica dos sujeitos que atuam para modificar essa mesma realidade. E Freire acredita ser fundamental esse processo de conscientização, na busca pela transformação de uma realidade de opressão.

Boal, em consonância com o pensamento freireano, aposta que o processo de conscientização da realidade ocorre na relação que existe entre ação-reflexão-ação. Para Boal é também fundamental que, não apenas se compreenda a realidade, mas se busque transformá-la. Para tanto, o teatrólogo desenvolve uma proposta metodológica teatral que procura dar conta do processo libertador, também desenvolvido por

Freire. Pois, segundo o autor, “Em teatro, qualquer quebra desentorpece” (BOAL,1991, p.202). Portanto, o teatro permite realizar transformações nos modos de ser, estar e fazer na vida dos sujeitos e na sociedade em que estejam inseridos.

Enfim, Augusto Boal e Paulo Freire nos estimulam a ouvir os sujeitos que estão silenciados e se sentem massacrados numa sociedade opressora e injusta, muitas vezes hipócrita. Concluímos, então, que existe um diálogo possível e potente entre a Pedagogia do Oprimido e o Teatro do Oprimido, cuja inspiração é fundamental para uma educação que se proponha ser de fato transformadora.

Legenda da foto

Cena de Crônicas de Nuestra América, de Augusto Boal, fotografia de Marina Andrade.

Referências

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

BOAL, Augusto. **Teatro do Oprimido e Outras Poéticas Políticas**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991.

Sobre a autora

Líbia Busquet, mestranda em Educação pela UERJ/FFP, pedagoga e especialista em Metodologia do Ensino de Artes, atualmente gestora da Escola Municipal Paulo Freire em Niterói.